

Sobre abismos e silêncios (Uma leitura de “OBSERVATÓRIO DO CAOS”)

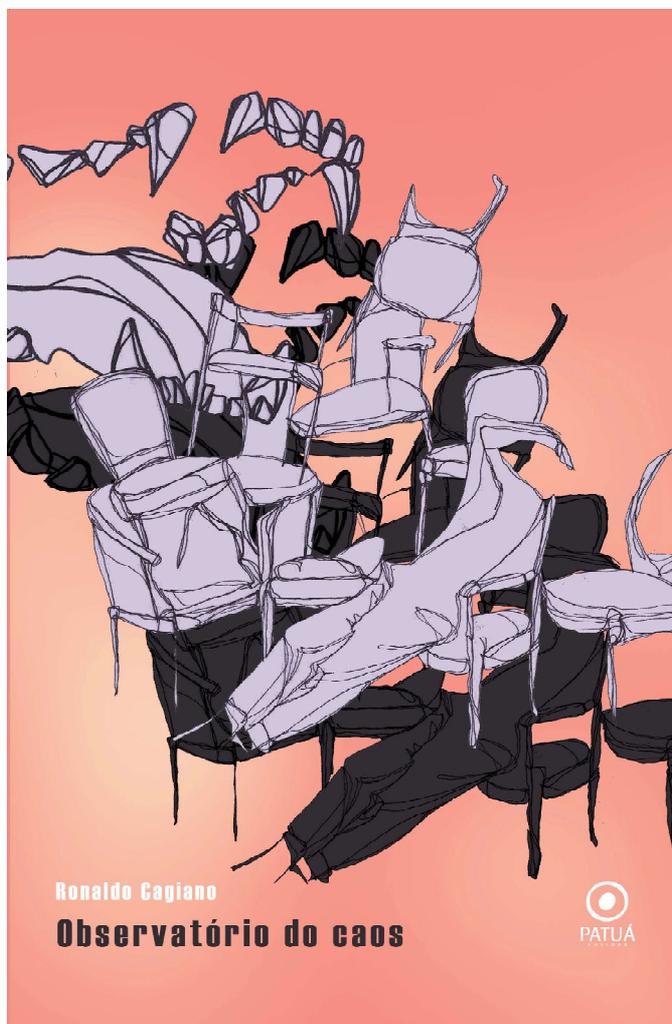
Emerson Teixeira Cardoso

Ronaldo Cagiano gosta de dizer, parafraseando Kafka, que tudo que não é literatura o aborrece. Acho que a identificação com o escritor tcheco se justifica a cada leitura de um novo livro do poeta, cuja tessitura poética prima essencialmente pela intertextualidade.

Assim, mais que Kafka, Fernando Pessoa, Drummond, Hilda Hilst, Clarice Lispector, Florbela Espanca... e todo um elenco de autores que Cagiano frequenta, frequentou e inevitavelmente e permanentemente frequentará, estará presente e em suas futuras produções.

De um poeta não devemos esperar somente que nos agrade, devemos querer, principalmente, que nos empolgue. Em outras palavras: que sua poesia nos toque profunda e verdadeiramente, em todas as suas possibilidades artísticas, estilísticas, temáticas. Artística e estilisticamente, Cagiano nunca nos enganou: no seu arcabouço temático, o autor deste *Observatório do Caos* nos mostra uma preocupação constante em escancarar os abismos da existência e seus silêncios, o eterno tédio que Rimbaud nos legou, aquele que nos conduz ao inferno, como nos diz o compositor e poeta Cartola sobre os moços: “... e vão ao inferno à procura de luz!”.

A atração dos abismos que nos remete também ao infeliz Poe ou a Baudelaire, presentes em Abismo: “Essa imensa vagina a nos a/ trair.”; Maçãs ao entardecer: “Aquele cesta solitá-



ria feita um alguidar de silêncios exhibe as três maçãs na cozinha que se despedia do sol.”.

E em função da sua escritura, faz esta profissão de fé: “Para ti escrevo, pois inscreveste em minha vida um tempo novo, meu re/pouso, minha lição de Pestalozzi...”.

Ainda, em Palavratura: “Esculpir versos como quem atravessa um deserto, sem pressa, sem admoestações.”.

E a verdade de que falei antes, lá no começo e que está contida em sua própria poesia, ele a expressa, definitivamente, nas palavras de Sebastião Uchoa, len-

te que utiliza de empréstimo para a epígrafe de um dos poemas mais longos que é Viagem às Visceras do Inacontecido: “Não é possível pensar a verdade exceto como veneno.”.

Lembrando também a construção de alguns poemas voltados para a intertextualidade, repare em Recado a Bandeira: “Sim, poeta, o que eu vejo é um beco sem saída... e assim de susto em susto sobrevivemos aos furtos, porém meus olhos reumáticos não inauguram o amanhã...”.

A cidade natal, Cataguases, é tema constante em suas criações, onde ele compõe uma Canção do Exílio às avessas, explodindo em versos seu “eu” antilírico. “Cataguases, senzala sem promessas; das ilhas dos espíritos desertos que foram cuspidos pelas chaminés expectorantes das fábricas de tecidos e da feura caótica e trevosa das enchentes.”

Sem disfarces, sem concessões a este ou a isto, Ronaldo Cagiano nos revela o seu universo ficcional, cuja beleza ácida nos toca, de repente, nos surpreende com estes doces versos: “Domar o frio com os teus abraços, fazer do rio o meu regaço, com teu amor tudo rechaço.”.

Eu, aqui do meu observatório, saúdo este seu novo livro que confirma o talento de sempre deste poeta, contista e romancista e crítico sagaz, Ronaldo Cagiano.

Emerson Teixeira Cardoso é escritor, professor, tradutor, autor de *Símiles* (poesia) e *A casa da rua Alferes* (contistas reunidos) e colabora em jornais e revistas. Reside em Cataguases-MG.

Em Cores

Rosani Abou Adal

Completamos, em setembro, 28 anos de circulação ininterrupta. Informamos que *Linguagem Viva* passará a circular em cores, graças ao empenho de Evaldo Vicente de *A Tribuna Piracicabana*. Desde a edição nº 337, setembro de 2017, o jornal entrou em nova fase rumo aos 30 anos.

Uma excelente notícia para compensar o lixo que vem sendo noticiado na grande imprensa e nas emissoras de TV e rádio.

Nosso País infelizmente passa por uma fase sem cores, de corrupções, escândalos, desvio de verbas, entre outros problemas que envergonham até os vermes.

A ganância pelo poder está transformando os homens em seres medíocres. Não só no Brasil, mas em todo o Planeta podemos observar a referida transformação.

A degradação do ser humano, a destruição das nossas matas, o tráfico de crianças, pessoas e animais, os idosos sendo tratados como trapos, as mulheres tratadas como objetos insalubres, nossas riquezas se transformando em poeira cinzenta e o agronegócio em benefício dos poderosos e manipuladores da opinião pública causam indignação. Infinitas são as degradações para enumerá-las.

Não vamos falar no descaso dos nossos governantes para com a saúde, Educação, Cultura e, também, para com o povo brasileiro.

“Um País se faz com Homens e Livros”, palavras eternas de Lobato. Livros não faltam, apenas não chegam em todas as mãos. Faltam Homens que lutem por um País melhor e mais digno para se viver.

Estamos cumprindo nossa parte divulgando e democratizando a Literatura.

Podemos perder a batalha, mas a luta nunca termina.

Vamos continuar nossa caminhada - mesmo com o céu encoberto de tristezas -, porque vamos colorir o mundo.

Rosani Abou Adal é poeta, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.



QUE VELHA EXAGERADA!

Fernando Jorge

Vítima de infarto, Guimarães Rosa faleceu em 19 de novembro de 1967, três dias após ter tomado posse na Academia Brasileira de Letras. Posse que ele adia, por temer a emoção causada pela cerimônia. Eu o conheci em 1964. Nesse ano o seu “Grande sertão: veredas” alcançara três edições na Alemanha. E mercedemente, pois Rosa fez, numa obra ímpar, o regional tornar-se universal.

Durante o meu primeiro encontro com Guimarães Rosa, logo depois do golpe de 31 de março de 1964, ele confessou:

- Sabe do que eu tenho medo, Fernando Jorge? É da institucionalização de uma ditadura militar no Brasil.

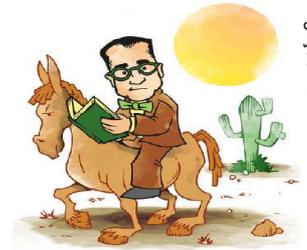
Perguntei se ele conhecia as palavras lapidares de Rui Barbosa sobre o militarismo, que eu iria colocar no meu livro “Cale a boca, jornalista!” lançado pela Editora Vozes e agora já na quinta edição. O autor de “Corpo de baile” explicou:

- Detesto os regimes de arbítrio. Fui vítima de um deles. Quando o nosso país rompeu as relações diplomáticas com a Alemanha nazista, em 1942, eu era cônsul em Hamburgo. Os seguidores de Hitler me internaram em Baden-Baden e tive, como companheiros de prisão, o embaixador Cyro de Freitas Vale e o pintor pernambucano Cícero Dias.

- E o que aconteceu?
- Senti-me muito deprimido. Mais tarde a Gestapo me libertou, em troca de diplomatas alemães. E voltando à vaca fria, como são as palavras de Rui Barbosa sobre o militarismo?

Tirei do meu bolso um papel com estas afirmativas da “Águia de Haia”, que li em voz alta para o Guimarães Rosa:

“O militar é a força obediente. O militarismo, a força dominante. O militar é o soldado servindo. O militarismo, o soldado reinando. O mili-



divulgação FJ

tar é a espada sob a lei. O militarismo, a lei debaixo da espada.”

Guimarães Rosa vibrou ao ouvir o juízo de Rui:

Que maravilha! Imbatível verdade! É isto mesmo! Esse baiano tinha um imenso talento verbal e tais palavras são pedaços de latejante carne viva.

Em seguida, Rosa quis saber:

- Meu amigo, diga-me se eu, nos meus livros, exagerei no emprego de palavras novas, de neologismos.

Respondi:

- O senhor não exagerou tanto como a velha da ladeira.

Ele abriu mais os seus olhos de miopo, bem curiosos atrás das grossas lentes:

- Velha da ladeira?

- Sim, aquela velha toda vestida de preto, magrinha, feinha, de pernas e braços fininhos. Ela exagerou, o senhor não.

Mal acabei de dizer isto, ergui-me do sofá e me pus a recitar:

“Uma velha muito velha
Foi mijar numa ladeira,
Encheu rios e riachos,
Inundou uma ribeira!
Três engenhos pararam,
Um frade se afogou,
E o diabo desta velha
Ainda diz que não mijou!”

A gargalhada rabelaisiana do Guimarães Rosa, depois de ouvir estes versos populares, continua a ressoar nos meus ouvidos...

Fernando Jorge é escritor, jornalista, historiador, biógrafo, crítico literário, dicionarista e enciclopedista.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura anual: R\$ 100,00
semestral: R\$ 50,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil -
Envio de comprovante, com endereço completo, para o email
linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255
Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.
Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -
Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760
Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - soninhaabou@gmail.com

TEATRO

Sonia Sales

Palavras que a timidez cala
qual colagem em papel crepom
a coragem nos leva a vitória.

Soa a primeira badalada
anoto todas as falas
risco algumas, costuro outras
faço música de seda.
Teoria, deixo para depois.

Silêncio.

**Sonia Sales é escritora, poeta,
historiadora e membro da
Academia Carioca de Letras e
do Instituto Histórico e
Geográfico de São Paulo.**

MEDO

Sonia Sales

A garça se espreguiça
com indizível ternura
é o momento
da despedida.

Na escada de caracol
dançam bailarinas casuais
soletrando músicas de coro.
Com nervos tensos
as feras espreitam
para dar o bote.

O medo paira no ar.

**Sonia Sales é poeta, escritora e
membro da Academia Carioca de
Letras e do Instituto Histórico e
Geográfico de São Paulo.**



RETALHOS DE SONHOS

Débora Novaes de Castro

Sonhos e sonhos, ditosos, alados,
planando aos ventos, festivos, inflados,
colhendo manhãs e excelsos luzeiros
por céus e mares, em campos e outeiros.

Sob sóis e luas, sonhos dedilhados
na partitura, gentis orquestrados,
anjos brocados em tules trigueiros,
arcos-da-aliança, cupidos ligeiros.

Auroras e ocasos, sonho aureolado,
Rosa-dos-ventos, rica, palpante,
pontuando estrelas nos azuis risonhos.

Trono de areias, presente e passado,
círio sagrado, chama bruxuleante,
e a vida a coser retalhos de sonhos!

**Débora Novaes de Castro é escritora, artista plástica, Mestre em
Comunicação e Semiótica - Intersemiose na Literatura e nas Artes,
pela Puc-São Paulo, 2004. Em dezembro 2016, sua 19ª publicação:
O HAICAI NO BRASIL Comunicação & Cultura, pela Scortecci Editora.**

VIVA O BRASIL... de Odette Mutto

Livraria Asabeça - www.asabeça.com.br - Link direto: http://www.asabeça.com.br/detalhes.php?sid=14062017135017&prod=7981&friurl=-VIVA-O-BRASIL--Odette-Mutto_&kb=669#.WUFpcFXyuM8

Livraria Cultura - www.livrariacultura.com.br
Link direto: <http://www.livrariacultura.com.br/p/livros/literatura-nacional/contos-e-cronicas/viva-o-brasil-46412605>

Livraria Martins Fontes Paulista - www.martinsfontespaulista.com.br
Link direto: <http://www.martinsfontespaulista.com.br/viva-o-brasil-534465.aspx/p>

Cia dos Livros - www.ciadoslivros.com.br - Link direto: <http://www.ciadoslivros.com.br/viva-o-brasil-contos-745138-p627207>



Voar no Tempo

Rosani Abou Adal

Lembrança com gosto de infância
Sonho de pedalar uma Caloi
Permanece no imaginário
Habita os templos da memória
Sem sono viajo nas lembranças
Sobrevoou o túnel do tempo
Montada em bicicletas voadoras

**Rosani Abou Adal é poeta,
jornalista e vice-presidente do
Sindicato dos Escritores no
Estado de São Paulo.**

**Xavier - Xavi (Sebastião Xavier
de Lima) é caricaturista,
ilustrador e artista plástico.
xavierlima@terra.com.br**

**A ilustração de Xavier e o
poema de Rosani foram expos-
tos no 31º Salão de Poesia Psiu
Poético, coordenado por
Aroldo Pereira, realizado em
Montes Claros (MG),
de 4 a 12 de outubro.**

IDÖBELI REPÜLÉS

Gyermekkori emlék íze
Álomban egy Caloit vezető
Képzletben állandosul
Visszatérő jelenléte mintha
templomban lenne
Álmosság nélkül mozgok a
régmúlt emlékekben
Átrepülöm idő rejtejtélyét
Biciklik hátán repülök

**Tradução para o húngaro e
inglês por Lívia Paulini.**

FLY IN TIME

Remembrance of children's days
Driving a Caloi's in dream
Staying at the imaginary
Living at the memory's church
without dreaming going off in
remembrances
I fly over the time of tunnel
on the top of flying bicycles

**Lívia Paulini é escritora,
tradutora, artista plástica e
membro da Academia Feminina
Mineira de Letras.**

LIVRARIA BRANDÃO



Comram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

**Vendem-se obras de 2ª mão, de todas
as áreas do conhecimento humano.**

**Rua Coronel Xavier de Toledo, 234 Sobreloja República
São Paulo - SP - (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646
sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>**

A CENTENÁRIA CINZA DAS HORAS

Anderson Braga Horta

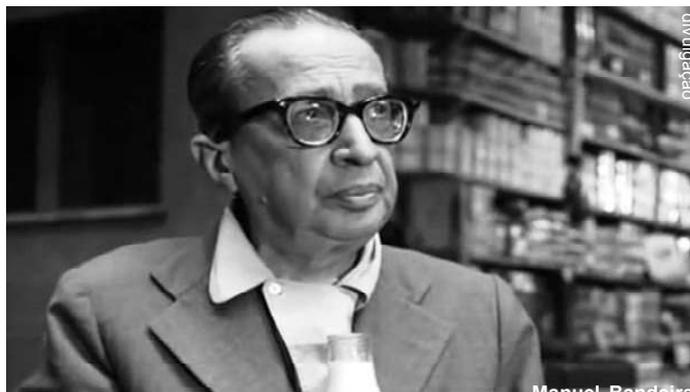
Nascido em 1886, foi por volta dos nove anos – ainda, pois, no final do século XIX – que o menino Manuel, filho do engenheiro Manuel Carneiro de Souza Bandeira, começou a manifestar interesse por poesia – na cidade natal, Recife, conforme umas “Confidências a Edmundo Lys”, incluídas em *Andorinha Andorinha*. Só aos dez, porém, isto é, em 1896, novamente no Rio de Janeiro, onde residira perto de três anos, começará a escrever. Sua formação literária foi solidamente tradicional, incluindo desde os “gongóricos portugueses” até os do Oitocentos – românticos, parnasianos e simbolistas. Seus primeiros versos “sérios” trazem a marca desses estilos, que dominou sem prejuízo – ao contrário, até embasando-as – das posteriores criações modernas que fizeram dele um dos maiores renovadores de nossa poesia no século XX.

Apesar dessa inclinação precoce, revela o Poeta que sua verdadeira vocação era a Arquitetura. Perseguindo essa meta, mudou-se para São Paulo, matriculou-se na Escola Politécnica e no Liceu de Artes e Ofícios, para dedicar-se às aquarelas e ao desenho a mão livre. Nesse período, de aproximadamente ano e meio, quase não escreveu. Até que a tísica lhe frustrou a carreira. “Então” – prossegue –, “na maior desesperança, a poesia voltou como um anjo e sentou-se ao pé de mim.”

Começou a publicar os seus versos para fingir que não existia em vão, conforme suas próprias palavras. Não temos como saber que arquiteto se perdeu; sabe-se, contudo, que magnífico poeta ganhamos. Não existiu em vão; ao contrário do que modestamente insinuava, sua vida foi cheia e proflua, tanto na poesia quanto na prosa, no magistério como no influxo literário e humano.

De como se preparou para a poesia, nomeadamente para o livro de estréia, cujo centenário comemoramos, diz, resumidamente, nessas mesmas confissões: “Ao aparecer *A Cinza das Horas* os críticos assinalaram logo a influência de Antônio Nobre sobre mim. De fato, mas quantas sofri! É um nunca acabar!” E fala de outras, como as da música e do desenho, e relata haver aprendido “a simplicidade de certas líricas nos *lieder* de Schubert, a precisão vocabular nos desenhos de Da Vinci”. “E as quadras populares?” – prossegue. “Quantas vezes queria lembrar uma quadra e não podendo reconstituí-la fazia da melhor maneira o *remplissage*; tempos depois encontrava a quadra impressa e via como estava melhor do que na minha reconstituição: examinava os motivos da superioridade, descobria o segredo e passava a utilizá-lo nos meus versos.”

Ele não o diz, mas desconfio que o segredo era a simplicidade, que foi uma das virtudes desse poeta altamente técnico e erudito. Dilo João Ribeiro, no artigo de imprensa em que exalta as qualidades do antigo discípulo.



Manuel Bandeira

No *Itinerário de Pasárgada*, Bandeira se reconhece devedor do “subconsciente”, do “transe”, do “alubrimento”; da inspiração, em suma (gosto de usar a polêmica palavra...). Deixam-no visível os dois poemas iniciais de sua obra: os setissílabos de “Epígrafe”: “Sou bem nascido. Menino, / Fui, como os demais, feliz. / Depois, veio o mau destino / E fez de mim o que quis. // Ah, que dor! Magoado e só, / – Só! – meu coração ardeu: // Ardeu em gritos dementes / Na sua paixão sombria... / E dessas horas ardentes / Ficou esta cinza fria. // – Esta pouca cinza fria...”; e os octossílabos deste encantador “Desencanto”: “Eu fezo versos como quem chora / De desalento... de desencanto... // – Eu fezo versos como quem morre.” Sim, ele o diz: “Meu verso é sangue.” Sim, sua poesia tem raízes na vida, e nessas raízes corre sangue. Não se trata de mera arte poética.

É freqüentemente citada a antonomásia de “São João Batista da Nova Poesia”, criada por Mário de Andrade para homenagear o grande precursor do Modernismo. Não creio que suas antecipações figurem tanto no livro aqui enfocado quanto no seguinte, *Carnaval*, em que há poemas como “Os Sapos”, “Debussy” e “Sonho de uma Terça-Feira Gorda”; mas em *A Cinza das Horas* é imperioso reconhecer o impacto do sexto poema, em seu sexto dístico, brusca ruptura do comportamento dominante nos versos anteriores:

*Aquele corvo, o voo torvo,
O meu destino aquele corvo!
Eclipse, truncamento,
dissonância que me evocam o segundo verso do bellissimo soneto de Álvares de Azevedo assim começado: “Ó páginas da vida que eu amava, / Rompei-vos! nunca mais! tão desgraçado!...” Vai o parêntese para ilustrar como as antecipações podem ser recuadas...*

XAVI CARICATURAS e ilustrações

Xavier (14) 3731-9471 / 99161-0675 - vivo
(11) 97958-6182 - tim xavierlima@terra.com.br
ou xavierdelima1@gmail.com

xavierdelima1.wixsite.com/xavi

A 2ª FLIPIRA - Festa Literária de Piracicaba

27, 28 E 29 DE OUTUBRO

Promovida pelo Centro Literário de Piracicaba, Grupo Oficina Literária de Piracicaba e Academia Piracicabana de Letras.

Local: Rua do Porto no entorno do Casarão do Turismo de Piracicaba

As palestras serão na Biblioteca Municipal de Piracicaba “Ricardo Ferraz de Arruda Pinto”. É necessário fazer reserva pelo telefone (19) 98345-6461.

<https://www.facebook.com/Flipira/>

No "Ruço" bandeiriano há ainda a considerar o último verso, que eu diria amétrico: "A nossa infância, ó minha irmã, tão longe de nós!"

O poema destoa dos que lhe vão em torno: imediatamente antes, a polimetria menos vibrante de "Paisagem Noturna"; um soneto "A Camões", corretíssimo, é certo, mas como que feito a martelo, e outro "A Antônio Nobre", aquecido pela empatia que liga Bandeira ao evocado, também tuberculoso. Assim compara o Poeta a sua sorte à do português (note-se o forte verso final):

*Tu que penaste tanto e em cujo canto
Há a ingenuidade santa do menino;
Que amaste os choupos, o dobrar do sino,
E cujo pranto faz correr o pranto:*

*Com que magoado olhar, magoado espanto
Reveja em teu destino o meu destino!
Essa dor de tossir bebendo o ar fino,
A esmorecer e desejando tanto...*

*Mas tu dormiste em paz como as crianças.
Sorriu a Glória às tuas esperanças
E beijou-te na boca... O lindo som!*

*Quem me dará o beijo que cobijo?
Foste conde aos vinte anos... Eu, nem isso...
Eu, não terei a Glória... nem fui bom.*

Seguem-se composições em octossílabos (metro tão do agrado do Poeta), como o insinuante "Chama e Fumo", outras de inflexão mais próxima à simbolista, como o "Crepúsculo de Outono" (datado de Clavadel, 1913), sonetos alexandrinos tipicamente parnasianos, qual "A Aranha", as setissilábicas "Cartas de meu Avô", na zona de transição entre romantismo e parnasianismo, o nosso parnasianismo de acentuadas reverberações românticas, o parnasianismo romântico do mais lírico Bilac... Em "Volta", pela três vezes enunciada frase "Enfim te vejo" e pela história amorosa sugerida apenas, quero ver uma homenagem a Gonçalves Dias ("Ainda uma Vez - Adeus"), poeta da mais alta admiração de Manuel Bandeira. Destaco o erotismo disfarçado de ironia no "Poemeto Irônico", a redondilha cantante de "Poemeto Erótico", o ritmo eneassílabo de "Desalento", a leveza meticulosamente construída de "Um Sorriso".

No fim do mencionado artigo em que elogia prodigamente o livro, João Ribeiro lança, como de passagem, uma restrição ao dizer que ainda há nele, se bem que rara e excepcionalmente, algum "funesto tributo às manias reinantes" (isto é, o abuso das convenções e dos artifícios). Ora, devemos admitir que no meio desses versos há poemas que não voam. Bandeira é grande entre os grandes poetas, mas nem mesmo os mais altos dentre eles podem sempre levantar voo. E ele mesmo confessa, na citada passagem do *Itinerário*, que só a partir de *Libertinagem* se resignou "à condição de poeta quando Deus é servido" e que os três livros anteriores "ainda estão cheios de poemas que foram fabricados *en toute lucidité*". (Em todo caso, entenda-se, o Poeta nunca se "distrai" das técnicas do verso, que já se lhe amalgamaram ao imo.)

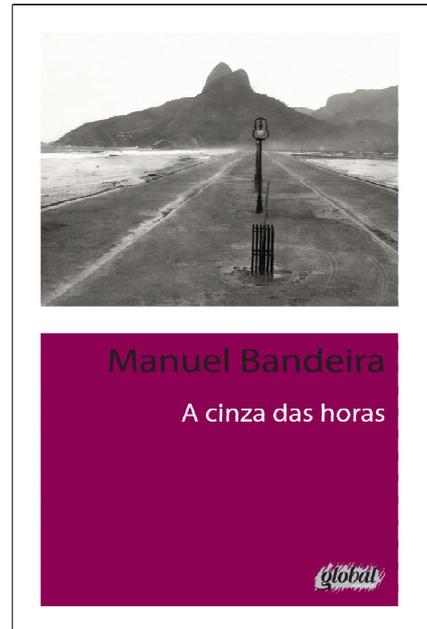
Mesmo poemas dos mais laboriosamente produzidos (frutos da pura *lucidez*, que não do *transe*) Bandeira sabe "salvá-los" com um final de espanto, de agudeza conceitual ou de pura beleza. Ele aprendeu – ou intuí – o valor do fecho, da última impressão, e o trabalha conscientemente. Ele sabe usar a *chave de ouro*, esse recurso poético tão frequentemente criticado, em especial quando empregado como elemento intensificador do soneto parnasiano. (Claro que há também o *chavão dourado* – tudo pode ter sua contrafação...) Ora, uma chave de ouro tem, de fato, esse valor; ela pode iluminar retroativamente um poema que de outro modo não sobressairia, ou não seria tão bom. É o caso desta "Boda Espiritual", que desde sempre me encanta, e que sem a áurea coda não seria mais que um bem-feito poeminha erótico:

*Tu não estás comigo em momentos escassos:
No pensamento meu, amor, tu vives nua
– Toda nua, pudica e bela, nos meus braços.*

*O teu ombro no meu, ávido, se insinua.
Pende a tua cabeça. Eu amacio-a... Afago-a...
Ah, como a minha mão treme... Como ela é tua...*

*Põe no teu rosto o gozo uma expressão de mágoa.
O teu corpo crispado alucina. De escorço
O vejo estremecer como uma sombra n'água.*

Gemes quase a chorar. Suplicas com esforço.



*E para amortecer teu ardente desejo
Estendo longamente a mão pelo teu dorso...*

*Tua boca sem voz implora em um arquejo.
Eu te estreito cada vez mais, e espio absorto
A maravilha astral dessa nudez sem pejo...*

E te amo como se ama um passarinho morto

Acentuando os dois últimos versos, particularmente o finalíssimo, que nos mergulha definitivamente nas nebulosas da poesia, vou encerrando esta homenagem.

Se *A Cinza das Horas* não é, ainda, o mais cabal prenúncio de Manuel Bandeira à estética da Semana de Arte Moderna, é, todavia, um belo, moderno e importante livro, em que já se manifesta a grandeza do poeta.

Anderson Braga Horta é escritor, crítico e membro da Academia Brasileira de Letras e da Associação Nacional de Escritores.



Dr. Djalma Allegro
Dra. Ana Martha Ladeira

Advocacia Trabalhista Especializada

Rua do Bosque, 1589 - Cj. 301 - São Paulo - SP
Tels.: (11) 3393-7164 - 3393-7165 - adjaladv@gmail.com

Roberto Scarano
Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

Rua Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

OS FIOS DO POEMA-ANAGRAMA

Ronaldo Werneck

Ítalo no talo, Calvino dixit: “O livro deveria ser a contrapartida escrita do mundo não escrito. A sua matéria devia ser aquilo que não existe nem poderá existir senão quando for escrito”. Há muito não lia uma citação tão perfeita, tão *soi-disant*, como essa de Ítalo Calvino que Beatriz Amaral coloca como epígrafe de seu belo livro de contos *Os fios do anagrama* (RG Editores/ São Paulo, 2016).

O dito de Calvino – melhor, o seu “escrito” – sobrepassa como antevisão, como proposta e razão de ser, ao longo de todas as narrativas que compõem a nova obra da autora, intelectual de longo curso: poeta, musicista, ensaísta, contista, vários e vários livros publicados em sua trajetória. “Contrapartida do mundo” (i.e., da narrativa), o livro, a sua matéria, só existe enquanto “escrita”.

Ao apropriar-se de Calvino como se fora um “fio narrativo” de sua escrita, Beatriz Amaral na verdade trabalha com a “escritura” no conceito lacaniano, com a criação que constrói a tessitura de sua narrativa, embasada na força de suas palavras. Elegante, sofisticada, erudita, a escritura desses contos resalta na maioria das vezes a força da palavra, a extrema habilidade de Beatriz em manejá-la, sobrepondo-se à própria narrativa – prazer que, como leitor, positivamente eu não dispense.

Confesso que raramente consigo ainda me deixar levar pelo fluir de uma história, pelo *plot* da narrativa, de qualquer narrativa. Vício antigo, eu acabo me fixando nas

palavras, em sua construção, no seu entrelaçar, nos seus entrecortes, nos seus súbitos cortes, em seus meandros. Na verdade, mais que na fôrma, no dito “contéudo”, eu acabo mesmo é privilegiando a forma, me detendo na sintaxe, na semântica, nas alterações, metáforas, nas anáforas (para exemplificar dentro do contexto desse livro) ou outros artifícios de linguagem que Beatriz manobra muito bem dada a sua sofisticada escrita & escritura.

Fiz então com *Os fios do anagrama* o que sempre faço com os livros de que gosto: vou marcando frases, palavras, palavras, palavras. Assim fiz, marcando, remarcando e acabei grifando grande parte de suas páginas. Coisas assim como “por que escrever, se parte dos dados se perdeu na memória – e justamente a parte objetiva das coisas?”. O que me remete ao saudoso poeta mineiro Francisco Marcelo Cabral: “Escrevemos/ porque sabemos/ que vamos morrer.// Escrevemos/ porque não sabemos/ por quê”.

Assim foi que copieie (“escrita”) esses trechos assinalados – *touchstones, punti luminosi* – e os dispus em conformação de poema (“escritura”). Não vejo melhor maneira de demonstrar o grande prazer que me proporcionou a leitura desse *Os fios do anagrama*. Prazer que repasso agora aos leitores: eles certamente irão se encantar com a escrita de fino trato de Beatriz Amaral.

Fios que se refazem

“Alguém rebobina as cenas./ Pula. Rebobina./ Quem se confun-

de nesse Labirinto? / Quem brinca nos domínios de Mnemosine? // Crshshshsh! / Tombam no chão mais de cinquenta pequenas bússolas douradas. / As placas se fixam à esquerda do lago: / *Vendem-se bússolas*. / Você descobre o norte. / Há uma ideia de água onde você está”.

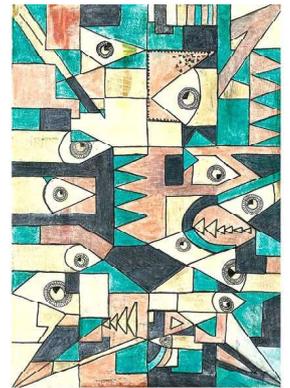
“Valladolid virá, como de costume / *septiembre, septiembre*, / com seu teor de véspera e seu timbre/ inusitadamente grave:/ navegarei noites/ abertas e ibéricas” // À beira do impasse,/ um mestre fisga/ o cerne da cena. // Em cada canto/ se interpenetram/ camadas de cotidiana”.

“Stella, anfíbio/ que sibila,/ antítese do arco.// A voz da filha/ antes do jantar:/ *Mãe, libélula é proparoxítona?* / É. Antítese também. / Também hipóbole. / Metáfora, parábola/ Fábula, líquido. / Pérola, capítulo. // Ah, capítulo também. / Que palavra linda essa. / Pensava: deve ser/ Uma palavra importante. / Capítulo dezessete. / Capítulo trinta e dois”.

“Um parafuso, uma espátula,/ o grameador, o esmalte/ cor de mel. / Stella vê o passaporte. / Finge que não viu. / Não dá mais/ pra parar de procurar. // Qualquer coisa. / Qualquer coisa mesmo. // Os anéis de Saturno. / As luas de Júpiter. / O vento do mar. / Qualquer coisa/ que justifique/ a busca. Algo/ inusitado que ilumine/ a noite e apague/ o fio de luz: este desejo/ intermitente de estar/ pronta”.

“Laerte e Arlete/ anagramaticamente/ unidos entre os dígrafos/ de sobrenome ibérico. / Laerte submerge. / Ideias entre camadas. / escamas e cromatismos. // Em plenilúnio/ Laerte e Arlete/ plantam planetas/ no tempo. // Rápidas rotas/ insólitas. / É pedra de fonema. / É ritornello. // Neste portal/ de anáforas/ você se despe/ você não repete nomes/ você sabe o claro-escuro/ você recolhe/ você lendo/ você tece tão célere/ você no meio/ você se depara/ você reconstrói/ você sabe/ você ensaia/ você arquiteta/ você – aeroplanagem/ você caminha/ você Gertrude Stein/ você a rose a rose/ você a prose a prose”.

“Agora, o texto/ – substituído do olho/ míope e cansado –/ desliza pela página. / Por que escrever,/ se parte dos dados/ se perdeu na me-



OS FIOS DO ANAGRAMA

BEATRIZ H. RAMOS AMARAL



mória – justamente a parte/ objetiva das coisas?// E aqui estou,/ há três dias,/ fragmentando/ e dissolvendo/ frases não ditas, palavras sem som,/ imagens sem nome,/ mensagens sem destino,/ personagens não encenados. // Quem engendra/ o som das palavras?// Em Los Angeles,/ a lua se remove. / O peso das sílabas,/ mel de abelhas,/ hortelã. / Escreve o dia/ Com o olho”.

“Estilhaços de futuro/ Não se tocam. / Um eco, nada mais,/ você é quem sabe. / *Vendredi, monsieur, vendredi. / Ou jeudi?* // Será o círculo/ o símbolo do *self*?// Quem pergunta? Que voz/ desponta no meio/ do texto para contestar/ o conhecimento/ do esboço, do relevo, / do contexto?// Se sou poeta, escrevo,/ escrevo, escrevo/ *Alquimia dos Círculos*. / E na transmutação/ de formas circulares,/ a dança da linguagem/ saberá extrair o seu lugar?// Saberá escolher o porto,/ o aceno, a figura/ cromática do sono?// Rota, modulação,/ desnível. Círculo/ delírio da noite bemol”.

“Algumas ondas/ rebobinam cenas e/ desenham um tempo de naus. / No inverno, as paisagens/ marinhas nos trazem,/ são intensas, espessas. // Aqui o porto das palavras se faz lento, sólido,/ Denso. // Mas é palavra/ em sua própria harpa,/ em que/ *vibram os séculos/ dos séculos ao sol*.”

Ronaldo Werneck é escritor, poeta, cronista, editor, crítico, jornalista, produtor cultural e assessor de comunicação.

Rosani Abou Adal

Poemas traduzidos para o francês, inglês, espanhol, italiano, húngaro e grego.

www.poetarosani.com.br

Dona Fideralina Augusto – Mito e Realidade

Cristina Couto

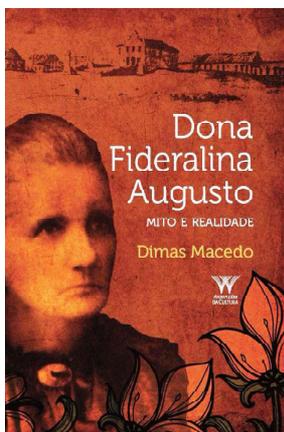
O efeito mágico que as águas do Rio Salgado têm feito na vida dos lavrenses sempre foi um verdadeiro prodígio. Seu poder de fertilização edificou na mente dos seus filhos a capacidade de poetizar e de buscar a fundo suas origens.

Em Lavras da Mangabeira (CE) e na região do Cariri ninguém reinou tanto como Dona Fideralina Augusto, mulher forte, que viveu à frente do seu tempo, numa época comandada pelos homens. Ela foi senhora da sua vontade e da vontade de muitos. Nada nem ninguém ousou desobedecer a essa velha matrona.

Na sua terra natal, tudo parece que virou folclore, como nos contos mitológicos das grandes civilizações, especialmente porque aquele Município viveu todas as suas fases, tais como o nascimento, apogeu e declínio, nos permitindo, agora, uma volta ao seu passado glorioso.

Dimas Macedo é, hoje, o maior historiador lavrense. Com a sua memória fotográfica e o seu poder de percepção aguçada, capta as histórias perdidas e as informações escondidas. Sua sensibilidade de poeta e sua genialidade intelectual ultrapassam as fronteiras do tempo.

Ao escrever *Dona Fideralina Augusto – Mito e Realidade* (Fortaleza: Armazém da Cultura, 2017), Dimas faz justiça com as próprias mãos e com o brilho da sua palavra, contestando as muitas inverdades sobre a velha matrona lavrense. Neste livro, o autor busca



resgatar a história como ela é, e não como as pessoas gostariam que ela fosse.

Com a leitura deste livro, o que acabamos descobrindo é que a fênix lendária de Lavras da Mangabeira – Dona Fideralina Augusto –, renasce das cinzas em que muitos dos seus opositores teimaram em enterrar a sua memória.

Nele, Dona Fideralina Augusto ressurge magnífica, imperiosa e poderosa como sempre foi, e sua história, que outrora fora escrita com estilhaços de pólvora do seu bacamarte, agora acha-se reescrita com a caneta do seu admirador maior e arqueólogo da cultura lavrense, Dimas Macedo.

Cristina Couto é escritora, professora universitária, Presidente da Academia Lavrense de Letras e autora de *As Cidades de Chico Buarque*, entre outras obras.

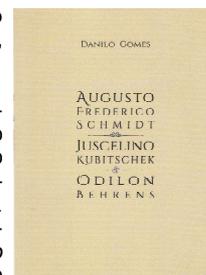
Livros

Augusto Frederico Schmidt, Juscelino Kubitschek e Odilon Behrens, de Danilo Gomes, Gráfica e Editora Ideal, Brasília, DF, 100 páginas. ISBN: 978-85-89196-76-5.

O autor é escritor, advogado, jornalista, cronista, ensaísta, pesquisador, historiador, membro da Associação Nacional de Escritores, do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, da Academia de Letras do Brasil, entre outras entidades.

A obra abriga fotos históricas, textos e crônicas de Danilo Gomes dedicados ao autor de *O Galo Branco*, soneto de Manuel Bandeira em louvor de Augusto Frederico Schmidt, duas opiniões sobre o poeta de Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, "Schmidt, 100 anos" de Augusto Marzagão e "Recepção" de Napoleão Valadares.

Danilo Gomes: SHIN - QI 9 - Conj. 11 - Casa 15 - Lago Norte - Brasília - DF- 71515-310.



Clara, novela de Maria de Lourdes Alba, RG Editores, São Paulo, SP, 90 páginas. ISBN: 978-85-7952-146-1.

A autora é escritora, poeta, jornalista e pós-graduada em Jornalismo. Tem trabalhos traduzidos para o espanhol e italiano.

Segundo Caio Porfírio Carneiro no prefácio: "A autora pouco se vale do descritivo. O narrativo poreja toda a trama e drama de Clara em pulsações continuadas." "Esta novela é um drama familiar humaníssimo, doído e palpante." "O narrativo, corporificado em diálogos constantes, todos oportunos e essenciais, aproxima a história do cinema, sem nenhum deslize para a reportagem."

**RG Editores: www.rgeditores.com.br
Maria de Lourdes Alba: albalou@uol.com.br**

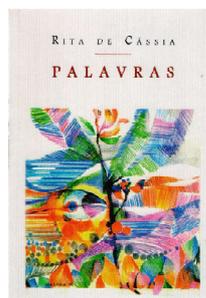
Palavras, poemas de Rita de Cássia, Imprece, Fortaleza, CE, 80 páginas ilustradas com fotos. A capa é de Nearco.

ISBN: 978-85-8126-100-3.

A autora é escritora, poeta, operadora de sistemas e Técnica da Universidade Federal do Ceará. Membro da Academia Fortalezense de Letras, Rede Brasileira de Escritoras, UBE, Sociedade Amigos do Livro e do Grupo Literário Sarau do Beco-CE.

A obra reúne vinte poemas de Rita de Cássia, dez da Beatriz e dez de Pedro Guedes - netos. Foi editada em comemoração aos 75 anos da autora,

Rita de Cássia: cassiapoeta@secrel.com.br



Débora Novaes de Castro

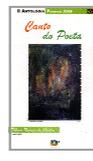
Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS
- CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO –
COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES
- CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual TodaCultura: www.todacultura.com.br

via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

Notícias



Paulo Bomfim e Rosani Abou Adal

Paulo Bomfim foi homenageado pelo Tribunal de Justiça de São Paulo e Academia Paulista de Letras, no dia 28 de setembro, durante a sessão da Academia Paulista de Letras realizada no salão da biblioteca, no 4º andar do Palácio da Justiça, em São Paulo. O evento em homenagem ao poeta contou com a presença do presidente do TJSP desembargador Paulo Dimas, do presidente da APL Gabriel Chalita, do secretário Estadual da Educação de São Paulo e ex-presidente do TJSP, José Renato Nalini, de integrantes do Conselho Superior da Magistratura paulista e de membros da Academia Paulista de Letras. Na ocasião também foram entregues os prêmios aos alunos classificados no concurso "Paulo Bomfim: o príncipe dos poetas", promovido pela Secretaria Estadual de Educação de São Paulo.

Renata Pallottini, poeta, ensaísta, dramaturga e membro da Academia Paulista de Letras, foi agraciada com o *Troféu Juca Pato 2017, Prêmio Intelectual* promovido pela União Brasileira dos Escritores, pelo livro *Poesia Não Vende* e pelo conjunto da sua obra. A sessão solene de entrega da láurea será realizada no dia 24 de outubro, a partir das 19 horas, na Academia Paulista de Letras, em São Paulo.

Choros de Garoto, obra organizada por Jorge Mello, Henrique Gomide e Domingos Teixeira, lançada pelas Edições SESC São Paulo e Instituto Moreira Salles, reúne uma seleção de partituras inéditas de choros do compositor e instrumentista Anibal Augusto Sardinha - o Garoto (1915-1955) - que foram recolhidas e reescritas pelos músicos Henrique Gomide e Domingos Teixeira. Também abriga perfil biográfico escrito por Jorge Mello.

Clara dos Anjos, romance de Lima Barreto (1881 - 1922), foi lançado com texto integral e sem adaptações pela Editora Autêntica.

A **Academia Sul-Mato-Grossense de Letras** elegeu nova diretoria no dia 7 de outubro, que será presidida por Henrique de Medeiros e terá como vice-presidente Raquel Naveira.

Cyro de Mattos lançou *A Casa Verde e Outros Poemas*, com tradução para o inglês de Luiz Angélico da Costa, pela Editora Mondrongo.

Ivana Maria França de Negri, do Clube de Campo de Piracicaba (Piracicaba - SP), com *Memórias de uma caneta*, foi classificada em 2º lugar, na categoria conto, no *Prêmio Nacional de Literatura dos Clubes*.

ArunaLadva, escritora Keniana, lançou *É tempo... de relacionamentos*, pela Editora Brahma Kumaris.

Antonio Costella, escritor, professor, jornalista e diretor e fundador da Casa da Xilogravura, lançou *Arte do Lenho - Xilogravuras*, pela Editora Mantiqueira.

Angústia Criadora, site editado pelo jornalista Ney Anderson, abriga resenhas e entrevistas da Literatura brasileira contemporânea e divulga bienais, feiras e festivais. <http://www.angustiacriadora.com>

Márlia Guimarães, ativista política e ex-guerrilheira, lançou *Habitando o tempo - Clandestinidade, sequestro e exílio*, pela Editora LiberArs. A obra apresenta um relato de sua história e dos seus filhos Marcello e Eduardo e uma radiografia dos acontecimentos que marcaram a luta contra a ditadura no Brasil.

A **Fundação Bunge** promove Feiras Literárias em escolas brasileiras e nos espaços de leitura do programa Semear Leitores das cidades, em outubro e novembro, para homenagear Cora Coralina. www.fundacaobunge.org.br/projetos/semear-leitores/

O **Prêmio ABEU 2017**, promovido pela Associação Brasileira de Editoras Universitárias, destinado a laurear as melhores edições universitárias, realizará sessão solene de entrega dos prêmios no dia 18 de novembro, às 17 horas, no Auditório da Biblioteca Mário de Andrade, Rua da Consolação, 94, em São Paulo. <http://www.premioabeu.com.br>

Kazuo Ishiguro, contista, romancista e roteirista de cinema nascido em 1954 em Nagasaki (Japão) e radicado na Inglaterra, é o ganhador do *Prêmio Nobel de Literatura 2017* da Academia Sueca.

O **VI Festival Literário de Araxá - Fliaraxá** será realizado de 15 a 19 de novembro, no Tauá Grande Hotel de Araxá - Barreiro, em Araxá (MG). O escritor homenageado será o moçambicano Mía Couto. Contará com as participações dos autores lusófonos Arménio Vieira, José Eduardo Agualusa, Gonçalo Tavares, José Luís Peixoto, Filinto Elísio e Ondjaki. www.fliaraxa.com.br

O **Prêmio Jabuti**, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, realizará a cerimônia de entrega dos prêmios, no dia 30 de novembro, no Auditório Ibirapuera Oscar Niemeyer, em São Paulo. www.premiojabuti.com.br/apuracao/f1

A **Câmara Brasileira do Livro** lançou a 25ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, no dia 21 de setembro, no Teatro Eva Herz da Livraria Cultura do Conjunto Nacional, em São Paulo. A Bienal será realizada de 3 a 12 de agosto de 2018, no Pavilhão de Exposições do Parque Anhembi, em São Paulo.

A **Editora Olho D'Água** também está disponibilizando venda dos seus livros na estante virtual em <https://www.estantevirtual.com.br/editoraolhodaagua>. A Olho D'Água edita livros de Literatura, Linguística, Cartuns, Ciências Sociais, Educação, Administração, História, entre outras áreas. www.olhodaagua.com.br

A **Maurício de Sousa Produções** lançará na França, pela Editora Glénat, a publicação das Graphics MSP que edita clássicos dos personagens de Maurício de Sousa por outros artistas.



Almir Pazzianotto e Evaldo Vicente

Almir Pazzianotto Pinto, ex-presidente do Tribunal Superior do Trabalho e ministro do Trabalho - escolhido por Tancredo Neves -, lançou *A Falsa República*, no dia 28 de setembro, na Livraria Cultura, no Conjunto Nacional, em São Paulo. Evaldo Vicente, jornalista, proprietário e editor da *A Tribuna Piracicabana* que imprimir e encarta o *Linguagem Viva*, e Rosani Abou Adal prestigiaram o lançamento.

A **63ª Feira do Livro de Porto Alegre** será realizada de 1 a 19 de novembro, na Praça da Alfândega, em Porto Alegre (RS).

Marina Colasanti, escritora, poeta, contista, jornalista, ensaísta e artista plástica, foi indicada pela segunda vez ao *Prêmio Hans Christian Andersen*.

Francisco Moura Campos - Chico Moura, poeta e diretor da União Brasileira de Escritores, faleceu no dia 14 de outubro em São Paulo.

A **2ª FLIPIRA - Festa Literária de Piracicaba**, promovida pelo Centro Literário de Piracicaba, Grupo Oficina Literária de Piracicaba e Academia Piracicabana de Letras, será realizada de 27 a 29 de outubro, em Piracicaba (SP), na Rua do Porto no entorno do Casarão do Turismo de Piracicaba. As palestras serão na Biblioteca Municipal de Piracicaba "Ricardo Ferraz de Arruda Pinto". Tel.: (19) 98345-6461.

O **Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**, que é presidido pelo desembargador Aluizio Alberto da Cruz Quintão, homenageou o Lions Clubs International pelo transcurso dos seus 100 anos de fundação e concedeu sua comenda máxima, a Medalha Israel Pínhireo.

De minha vida: poesia e verdade, autobiografia de Johann Wolfgang von Goethe, com tradução, apresentação e notas de Maurício Mendonça Cardozo, foi lançada pela Editora UNESP.

A **Hemeroteca Digital Brasileira** da Fundação Biblioteca Nacional é um portal que disponibiliza a consulta de periódicos nacionais do seu acervo que incluem desde os primeiros jornais criados no país como o *Correio Braziliense* e a *Gazeta do Rio de Janeiro*, os extintos *Diário Carioca* e *Correio da Manhã*, o *Jornal do Brasil* que não circula mais na forma impressa, entre outros. bdn.digital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/